

“Menina de ouro” – Notas sobre as construções de virilidade e o fenecer do corpo

Paula Nunes Chaves*

Allyson Carvalho de Araújo**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ficha Técnica

Produção: Warner Bros, Lakeshore Entertainment, Malpaso Productions, Albert S. Ruddy Productions, Epsilon Motion Pictures.

Ano: 2004

País: Estados Unidos

Direção: Clint Eastwood

Sinopse: Filme que versa sobre a história de uma boxeadora que se insere em espaços tradicionalmente masculinos. Concilia imagens do corpo feminino viril da protagonista em treinamentos e lutas com imagens deste mesmo corpo na condição de imobilidade e tetraplegia, após ser vítima de uma atitude desleal em seu último combate.

Million Dollar Baby (2004), ou em português “Menina de Ouro”, é uma produção cinematográfica norte americana do ano de 2004, dirigida por Clint Eastwood, que narra a história de Maggie Fitzgerald, uma mulher cujo sonho é tornar-se uma boxeadora profissional. Em sua trajetória como atleta, a personagem passa por um processo de virilização e aumento do volume muscular, visível principalmente, nos espaços de treinamento e competição. Ao conseguir alcançar o auge no boxe, foi traída por um golpe desleal do destino, que a colocou na condição corporal de tetraplégica. Nesse sentido, o intuito deste texto é discutir sobre os rumos que o corpo da personagem toma ao longo da película, adotando como recurso metodológico a descrição da experiência estética das imagens do cinema a partir de Gumbrecht (2006, p.55). A escolha deste filme para historiografar a trajetória corporal da personagem se dá pela riqueza de cenas, sentimentos e questões que a película suscita bem como pelo impacto e repercussão mundial, que se materializou no ganho de diversos prêmios, sendo um deles o de melhor filme do ano.

Ao nos reportarmos ao filme em tela, nos deparamos com um corpo que foi além do esperado, primeiramente por representar uma figura feminina que luta para ser aceita em um espaço generificado como masculino, no caso, o boxe. E, para além do fato de ser mulher,

* Discente em Educação Física modalidade Licenciatura (UFRN). Bolsista PROPESQ/UFRN. Membro do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC). E-mail: paulinha_nunes3@hotmail.com

** Mestre em Educação (UFRN) e Doutor em Comunicação (UFPE). Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC). E-mail: allyssoncarvalho@hotmail.com

existia outro aspecto, segundo o treinador, que impedia ou no mínimo dificultava a entrada de Maggie no esporte: a idade biológica/cronológica de seu corpo. No entanto, contrariando os limites e estereótipos que haviam sido impostos sobre o corpo de Maggie, a personagem não desiste e após algumas tentativas, ela consegue ser treinada por Frank, que durante muito tempo demonstrou resistência de treiná-la por sua condição de mulher. Lutando contra a resistência com o dado biológico contrário à expressão da mulher no esporte, Maggie Fitzgerald, consegue o desenvolvimento do treinamento e passa por um processo de aperfeiçoamento de sua técnica, movimentação corporal, agilidade e força, bem como, de crescimento muscular, fazendo-a subir de categoria de peso leve para meio-médio (FERNANDES; MOURÃO, 2012, p. 102).

Nesse sentido, Maggie se viriliza para adentrar no esporte, que sempre a negou por ser mulher. É nessa lógica que, inicialmente, ela esconde seu corpo ainda “feminino” através de vestimentas de treino como calças folgadas e grandes, camisetas de manga, casacos, provavelmente porque esse corpo não definido por músculos a fazia parecer frágil e não viril, e devia ser invisibilizado em um espaço de treinamento tradicionalmente masculino, marcado pelo vigor corpóreo do homem.

Ao olhar do expectador, é notório que o corpo de Maggie, agora delineado por músculos, sai da categoria invisível tanto no âmbito do treino quanto de competições. O regime de visibilidade desta nova aparência corporal se dá através de roupas menores, como shorts e regatas, que deixam as costas à mostra ressaltando seu corpo marcadamente musculoso, sinônimo de força e virilidade. Esse fortalecimento corpóreo é tido como inevitável tendo em vista que “aprender a boxear é modificar insensivelmente seu esquema corporal, sua relação com seu corpo e o uso que dele fazemos habitualmente [...]” (WACQUANT, 2002, *apud* FERNANDES e MOURÃO, 2012, p.103).

Ao pensar esse processo de visibilidade aumentada, a própria capa original do filme é emblemática ao enfatizar o corpo musculoso da personagem feminina, tendo em vista que seu rosto aparece de perfil com uma expressão fechada, existindo uma ênfase central nas suas costas e braços extremamente definidos em termos de contornos corporais e desenho muscular.

A película, em sua primeira parte traz a superação de um corpo que era frágil, considerado “ultrapassado” e velho para iniciar e usufruir do esporte profissional, e que torna-se extremamente forte e ágil, contrariando as expectativas pessimistas do treinador. Esse percurso nos mostra que ao tratarmos do corpo humano “certos limites não podem ser

franqueados” (SERRES, 2004, p. 41), medidos e creditados a todos os corpos como verdade absoluta. Outros elementos determinantes atuam sobre o corpo para além de sua idade cronológica ou do gênero/sexo biológico, e se relacionam diretamente com a subjetividade de cada indivíduo e com a dinamicidade dos limites determinados por cada corpo.

Contrariamente, na segunda metade do filme, após o rompimento dos limites e da demonstração da eficiência deste corpo feminino viril no espaço do boxe, o filme volta a dar relevo à fragilidade deste corpo, sem propor superação alguma, exibindo uma fragilidade real de um corpo com mobilidade reduzida. Nesse sentido, refletimos com Serres (2004, p.40), que “os músculos que suportam alteres muito pesados, negocia com as possibilidades até às fronteiras da morte”.

Em Menina de Ouro, a cena trágica transformadora da história, que negocia com as fronteiras da morte, se desenha na última luta de Maggie pelo título em Las Vegas contra Billie (Urso Azul) que tinha fama de ser a lutadora mais desonesta da categoria. Maggie vence a difícil luta, contudo, enquanto comemorava seu grande feito e a realização de um sonho, é atingida por um golpe desleal de Billie. Maggie bate com o pescoço, fraturando duas vértebras cervicais de forma irreversível, mudando para um lado diametralmente oposto o rumo da história da vida e do corpo de Maggie na película. A partir deste momento, as cenas são ambientadas em um hospital e caracterizadas por pouca luminosidade, penumbra, denotando um cenário sombrio, triste, desolador.

No que se refere à parte final do filme, este centraliza na condição corporal de Maggie, que respira com a ajuda de aparelhos e se encontra completamente imóvel, tendo como únicos contatos com o mundo a visão, audição e linguagem verbal. O filme começa então a ancorar-se na situação deste corpo jovem e viril, no entanto imóvel e inválido, um corpo que já não é mais perfeito e eficiente, sendo margeado e ceifado da vida social. Acerca da necessidade da vida social, os limites impostos pelo corpo, desencadeiam um distanciamento e negação do convívio/vida social, corroborando com a possibilidade de negação da própria vida do sujeito. Um corpo que já não mais é capaz de experienciar o coletivo e se recolhe à solidão da vida privada, mina as trocas sociais imprescindíveis para o viver (ARAÚJO; MERGULHÃO; NÓBREGA, 2013).

O filme recorre à demonstração das afetividades e fragilidades humanas, partilhando com os espectadores os inúmeros constrangimentos sofridos pela personagem, que vê sua vida transformada abruptamente, tendo seus desejos e sua juventude aprisionados no cárcere do corpo. A personagem não consegue suportar a imobilidade, e em uma das cenas mais

comoventes da narrativa pede a Frank, seu treinador e cuidador, para colocar um fim em seu sofrimento. Frank fica completamente perplexo e atordoado com tal pedido, no entanto, Maggie havia desistido de continuar, sua vida havia perdido completamente o sentido, e seu corpo físico definhava de forma acelerada, lhe restando apenas as lembranças guardadas na memória de sua glória como atleta. E então ela argumenta lembrando seus feitos: *Não posso ficar assim Frankie. Não depois do que eu fiz. Eu vi o mundo. As pessoas cantaram meu nome... Apareci em revistas... Papai me dizia que eu lutei para chegar ao mundo e que eu lutaria para sair. É tudo que eu quero. Consegui o que eu queria. Consegui tudo... Não me deixe deitada aqui até eu não possa mais ouvir as pessoas cantando.*

Na perspectiva do espectador da produção, torna-se nítido que o discurso da personagem expõe sua não conformação frente à sua situação, bem como com os elementos que negam o vigor de outrora e que estão registrados e tatuados em seu corpo como marcas indelévels, que se difratam no âmbito da cultura com a perda da função social, produtiva e pela incapacidade de vivenciar o boxe, manifestação da cultura corporal de movimento e profissão pela qual a Maggie era extremamente fascinada. Todos estes aspectos levam o sentimento inquietante, e ao desejo inequívoco de colocar um ponto final em sua biografia.

Neste ponto, o filme nos convida a refletir sobre os processos de eutanásia e suicídio assistido, e conseqüentemente, sobre o binômio morte-vida. É interessante pensar que com todos os avanços tecnológicos e médicos, a morte torna-se cada vez mais evitável, contudo ela continua sendo uma experiência inerente à vida. O ser humano sempre sedento por certezas encontra na finitude de seu corpo a incerteza inapagável que amedronta pelo desconhecido, medo este que Maggie não demonstrou em nenhum momento.

O fato é que a morte é um assunto delicado, não se podendo resumir este fenômeno irreversível ao seu aspecto biológico, tendo em vista que ela diz respeito aos sentidos de existir. A morte pode ser vivenciada de várias formas e não é apenas o cessar dos batimentos cardíacos. No caso de Maggie, estamos diante da obsolescência de um corpo que parece já não ser mais capaz de construir sonhos e desejos, um corpo enclausurado e debilitado que explode em desconforto a ponto de morder a própria língua até sangrar.

É essa consciência da morte que parecia imperar na mente de Maggie, e pelo fato de não mais enxergar sentido em sua vida, provavelmente estava experienciando uma morte psíquica, que ocorre quando a percepção psicológica da morte antecipa a morte biológica, “o enfermo toma consciência do escoamento progressivo e inexorável de sua vida, habitualmente após receber a notícia de ser portador de uma enfermidade incurável”

(BATISTA; SCHRAMM, 2004, p.36). No caso da personagem não se tratava de uma doença incurável, que a levaria a morte em pouco tempo, e sim de uma condição corporal de tetraplegia, que levava a um extremo sofrimento e impossibilidade de dar continuidade à vida do dia-dia, culminando em uma espécie de morte social, concretizada em um corpo em deterioração. A condição de Maggie nos remete ao que o Le Breton (2006, p. 75) nos fala sobre a condição intolerável que “coloca em dúvida um momento peculiar de identidade chamando a atenção para a fragilidade da condição humana, a precariedade inerente à vida”.

Com esta nova condição corporal e de vida da personagem e a insatisfação da mesma, o desfecho da história tornara-se inevitável, o treinador não pôde fugir deste pedido, e proporcionou a Maggie viver o último round no ringue da existência. Nesta cena, repleta de emoção, Frankie injeta uma dose considerável de adrenalina no organismo de Maggie, caracterizando um suicídio assistido, que acontece quando: “uma pessoa solicita o auxílio de outra para morrer, caso não seja capaz de tornar fato sua disposição. Neste último caso, o enfermo está, em princípio, sempre consciente – sendo manifestada a sua opção pela morte” (BATISTA; SCHRAMM, 2004, p.34). Este processo difere da eutanásia ou “boa morte/morte digna”, porque neste último caso, o paciente pode não estar consciente, no entanto, os dois processos se assemelham no cerne da questão, tendo em vista que a eutanásia é também entendida “como o emprego ou abstenção de procedimentos que permitem apressar ou provocar o óbito de um doente incurável, a fim de livrá-lo dos extremos sofrimentos” (LEPARGNEUR, 1999). Em ambos os casos, a morte pode ser causada por falta de assistência, utilização de fármacos ou drogas letais.

Ao mostrar uma condição corporal desfavorável de uma jovem que viveu o auge corpóreo, o filme aborda uma temática polêmica, que transversaliza preceitos religiosos, médicos, éticos, e opta por demarcar e legitimar a autonomia do personagem e seu direito de optar pelas melhores escolhas para a sua existência. Não é de nosso interesse neste texto discutir a licitude do processo, apenas apontar que muito se questiona sobre a moralidade ou bioética do apressar da morte, e que a película em questão auxilia a pensar as questões relacionadas à partida antecipada, às condições corporais de vida e de qualidade.

A produção filmica opta por dar voz aos pedidos de Maggie, atestando na sua morte a certeza de que a vida da personagem trilhou um caminho sem volta, e como titular de sua própria existência, pode decidir o rumo e desfecho de sua vida. A personagem se libertou do martírio indesejável, escolheu seu próprio fim, exercitando sua autonomia e aguçando a reflexão sobre o binômio das duas condições da existência que se completam: vida e morte.

A narrativa de Clint Eastwood retrata condições da existência humana, ora centrada na aquisição de força e músculos, ora na retrogênese e paralização de um corpo jovial e atlético. A forma visceral com que trata o corpo, tanto na sua virilização e auge do vigor quanto na sua obsolescência, e os sentimentos advindos destas formas de existir corporalmente encantam aqueles fascinados por cinema e pela temática do corpo em movimento e seu processo de fenecer.

A obra retrata a vida e morte da personagem de forma sensível e profunda, em meio a um cenário de lutas, golpes e sangue, impossibilitando os telespectadores de manterem-se indiferentes frente aos acontecimentos. A história transita entre a visibilidade e invisibilidade, o vigor e o definhar do corpo, e nos faz refletir sobre antecipação do processo de morrer, ética, desejo, e o limiar tênue entre vida e morte.

O texto aqui escrito retrata apenas uma pequena parcela das representações, discussões e reflexões que *Million Dollar Baby* provoca. Fica a indicação e a recomendação da obra que possibilita refletir sobre uma série de tabus, preconceitos e medos velados em nossa sociedade.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Allyson Carvalho; MERGULHÃO, Danilo Rafael da Silva; NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. “Representação do envelhecimento em *AMOUR*: notas sobre os processos socioespaciais na velhice”. *Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 18 (2). (Mimeo), 2013.

BATISTA, Rodrigo Siqueira; SCHRAMM, Fermin Roland. “Conversações sobre a ‘boa morte’: o debate bioético acerca da eutanásia”. *Cad. Saúde Pública*, 21(1):111-119.

BATISTA, Rodrigo Siqueira; SCHRAMM, Fermin Roland. 2004. Eutanásia: pelas veredas da morte e da autonomia. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(1):31-41. 2005.

FERNANDES, Vera; MOURÃO, Ludmila. “O discurso de feminilidade no boxe a partir da análise do filme menina de ouro”. In: *Anais do IV Encontro Nacional Observatório de Mídia Esportiva*, São João Del Rei/MG: 98-106. 2012.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos”. In: C. Guimarães; B.S. Leal e C.C Mendonça (orgs.), *Comunicação e Experiência estética*. Belo Horizonte: Editora da UFMG: 50 - 63. 2006.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis/RJ: vozes. 2006

MICHEL, Serres. *Variações sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.